

Estratégias de tradução Alemão/Português: a questão dos pronomes Possessivos

Francisco Eduardo Vieira da Silva*
Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: *Este trabalho investiga as estratégias lingüístico-discursivas utilizadas por estudantes brasileiros de alemão como segunda língua para traduzirem textos alemães contendo pronomes possessivos. Na medida em que não há uma perfeita correlação entre os significados (gramaticais e sociais) expressos pelos pronomes possessivos dessas duas línguas, as análises indicam que os estudantes, na produção de seus textos, consideraram não só os elementos lingüísticos do texto de partida, mas sobretudo seus aspectos textuais e discursivos.*

Palavras-chave: *tradução; pronome possessivo; língua alemã.*

Abstract: *This work analyses the discursive-linguistic strategies utilized by Brazilian students, who study German as a foreign language, to translate German texts which contain possessive pronouns. Because there isn't a perfect correlation between the grammatical and social means expressed by possessive pronouns, the analyses show that the students in their translations consider just not the linguistic elements of German texts, but above all their discursive and textual aspects.*

Key words: *translation ; possessive pronoun ; German language.*

A Natureza da Tradução

O que devemos levar em conta quando produzimos, lemos ou avaliamos uma tradução? Essa questão pode ser respondida de diversas maneiras, a depender do que se entende por *tradução*. Neste trabalho, concebemos a tradução como algo mais do que a prestação de um serviço a um público que desconhece a língua do texto traduzido. Evidentemente, não negamos esse aspecto utilitário da tradução, mas ela não se esgota na transposição de significados estritamente lingüísticos e em ajustes morfossintáticos entre as línguas envolvidas no processo tradutório as línguas de partida e de chegada. Assim, a fim de responder a pergunta acima, partiremos do princípio de que, em toda tradução, configura-se uma espécie de intercâmbio entre *universos textual-discursivos*. Isso significa que, em relação às línguas envolvidas numa determinada tradução, não só estão relacionados aspectos de ordem morfossintática e semântica, mas também aspectos de ordem *cultural*, já que as atividades textual-discursivas de uma determinada sociedade não podem ser desvinculadas de seu conjunto de práticas sócio-culturais.

Esse princípio deságua na impossibilidade da tradução de palavras e frases isoladas, fora de um texto. Toda atividade tradutória consiste, assim, em uma *transformação de um determinado texto em um outro texto*, entre os quais, a diferença mais saliente e não a única é o idioma em que esses textos foram construídos. Além disso, cada tradução de um determinado texto é o resultado de uma leitura particular desse texto, de uma nova leitura; cada tradução, portanto, consiste em um outro/novo texto.

* Trabalho realizado na Disciplina Língua Alemã 5, no curso de Letras da UFPE, sob a orientação da Professora Elizabeth Marcuschi, no primeiro semestre de 2003.

Refletir assim sobre a atividade tradutória implica nos aproximarmos da corrente teórica que concebe a tradução enquanto *processo de retextualização*. De acordo com Travaglia (2003: 63), no processo de qualquer tradução,

o tradutor recoloca em texto numa outra língua a reconstrução de um sentido que faz a partir de uma textualização anterior (grifos da autora).

Dessa forma, entende-se que a tradução é uma operação que toma a linguagem enquanto atividade discursiva produtora de sentido, e não como um sistema de códigos. Ainda segundo Travaglia (2003: 64),

a teoria da tradução enquanto retextualização leva em conta tanto a língua enquanto conjunto de regularidades discursivamente construídas, quanto a situação e o sujeito usuário da língua na interação, ou seja, as condições de produção do texto como unidade discursiva de sentido. Leva em conta que o sistema lingüístico não é um código fixo e imutável, mas um espaço em ebulição perpassado pela oposição entre o caráter estável e instável da linguagem.

Percebemos que essa concepção da tradução enquanto retextualização se coaduna com uma *perspectiva sócio-interacionista de linguagem*, na qual os

processos de produção de sentido são sempre situados em contextos sócio-historicamente marcados por atividades de negociação ou processos inferenciais (Marcuschi, 2001:34).

É nessa linha que desenvolveremos nossa análise.

Isso posto, cremos que seja possível indicarmos uma resposta a nossa questão inicial o que devemos levar em conta durante uma atividade de leitura, produção ou avaliação de uma tradução? Devemos ter em mente que o tradutor, na medida em que também é leitor, procura penetrar no universo discursivo do texto de partida e ajustá-lo a um outro universo discursivo, optando por determinadas escolhas estilísticas, desfazendo ambigüidades, buscando *semelhanças interpretativas*¹, enfim construindo um outro texto, novo e diferenciado.

Possessivos Alemães e possessivos Portugueses

Já deixamos claro sob que perspectiva estamos enfocando a tradução: enquanto atividade de retextualização. A pergunta que faremos agora é a seguinte: *quais as estratégias lingüístico-discursivas utilizadas por estudantes brasileiros de alemão como segunda língua para traduzirem textos alemães contendo pronomes possessivos?* O que nos motivou a essa indagação foi a constatação de que não há uma relação biunívoca entre os significados (gramaticais e sociais) expressos pelos pronomes possessivos dessas duas línguas. Em termos gerais, poderíamos dizer até que o papel discursivo dos possessivos alemães é mais rico do que o dos possessivos portugueses. Vejamos o exemplo abaixo, que traz um enunciado alemão e a sua tradução em português:

- (1) Obwohl Herr und Frau Hilke schon verheiratet sind, wohnen sie bei *seinen Eltern*.

¹ Em trabalho sobre a relação entre tradução e cultura, Alves (2001: 90) define *semelhança interpretativa* como o *resultado do efeito contextual resultante das interfaces entre duas formas proposicionais que compartilhem de algumas propriedades*. Essa noção implica levarmos em conta a influência dos contextos culturalmente marcados no processamento cognitivo dos tradutores.

- (1a) Apesar de o Sr. e a Sra. Hilke já serem casados, eles moram na casa dos *pais dele*.²

Em (1), o pronome possessivo *sein* (*seinen*) retoma, dentre as duas pessoas citadas, apenas a do gênero masculino (*Herr Hilke*). Caso traduzíssemos o enunciado substituindo o pronome *sein* por seu equivalente gramatical (mas não discursivo) em português, o sentido ficaria comprometido:

- (1b) Apesar de o Sr. e a Sra. Hilke já serem casados, eles moram na casa dos *seus pais*.

Percebamos que há, no mínimo, três possibilidades interpretativas para a nossa última tradução: i) o Sr. e a Sra. Hilke moram na casa dos pais do Sr. Hilke; ii) o Sr. e a Sra. Hilke moram na casa dos pais da Sra. Hilke; ou iii) cada um mora na casa de seus respectivos pais. Daí termos utilizado em nossa primeira tradução a locução prepositiva *dele*, evitando, assim, esse tipo de ambigüidade.

Esse exemplo mostra que, em alguns casos, ao traduzirmos para o português um enunciado em que haja um pronome possessivo alemão, devemos também recorrer a outras categorias/construções gramaticais, quando não descartarmos o pronome possessivo correspondente em língua portuguesa, a fim de não causar prejuízo informacional, ou mesmo desvirtuar o sentido objetivado pelo autor do texto de partida.

Em linhas gerais, o quadro abaixo relaciona os pronomes possessivos alemães e portugueses, em sua forma masculina, de acordo com a pessoa do discurso à qual o possessivo se refere:

QUADRO 1: PRONOMES POSSESSIVOS ALEMÃES E PORTUGUESES

Número	Pessoa	Pronome possessivo alemão	Pronome possessivo português
singular	1 ^a	<i>mein</i>	<i>Meu</i>
	2 ^a	<i>dein</i>	<i>teu/seu</i>
	3 ^a	<i>sein</i>	<i>Seu</i>
		<i>ihr</i>	
plural	1 ^a	<i>unser</i>	<i>Nosso</i>
	2 ^a	<i>euer</i>	*
	3 ^a	<i>ihr</i>	<i>Seu</i>

* Não há pronome possessivo correspondente no português corrente do Brasil. A forma *vosso*, considerada arcaica, é utilizada raramente e somente em contextos específicos.

Analisando rapidamente o quadro acima, apenas em termos quantitativos e estruturais, já podemos perceber uma maior diversidade de pronomes possessivos na língua alemã: são sete formas diferentes (*mein, dein, sein, ihr, Ihr, unser* e *euer*) para quatro do português (*meu, teu, seu* e *nosso*). Em relação aos seus usos, conforme exemplificamos em (1), alguns possessivos alemães portam determinados traços gramaticais e sociais que não existem no seu correspondente em português; em outros casos, é o próprio pronome possessivo correspondente em português que não existe.

Dessa forma, o que iremos abordar neste trabalho, a partir da indagação feita no início desta seção (*Quais as estratégias lingüístico-discursivas utilizadas por estudantes brasileiros de alemão como segunda língua para traduzirem textos alemães contendo pronomes*

² Neste trabalho, os exemplos em alemão estão numerados em ordem crescente, e suas respectivas traduções em português recebem o mesmo número do exemplo equivalente em alemão, com o acréscimo de uma letra.

possessivos?), é bastante relevante, pois, além de contribuir para os estudos na área da tradução, permite a aplicação desses estudos no ensino de alemão para brasileiros.

Aspectos Metodológicos

Realizamos uma análise predominantemente qualitativa de um *corpus* composto por 21 textos na língua alemã, reunidos em sete *blocos de texto*, e diferentes traduções produzidas a partir desses textos por estudantes brasileiros de alemão.³ Os textos pertenciam a sete gêneros textuais diferentes: cinco reportagens, uma lista de conselhos, um teste, um relato, nove piadas, um quadrinho e três tiras.

Sete *estudantes-tradutores* contribuíram para essa pesquisa. Todos eles, após terem passado quatro semestres letivos estudando alemão em disciplinas eletivas oferecidas pelo curso de Letras da UFPE (Língua Alemã 1 a 4), estavam no primeiro semestre eletivo de tradução em alemão (Língua Alemã 5), também no referido curso. Assim, esses estudantes estão no início de sua trajetória acadêmica em tradução, o que gera, por vezes, textos com partes problemáticas, tanto em relação à estrutura gramatical quanto em relação ao sentido. Isso não prejudica os objetivos deste trabalho, pois não estamos preocupados se as traduções analisadas são fiéis ou não ao texto de partida, mas em saber a quais estratégias lingüístico-discursivas os alunos recorreram para produzir suas traduções.

Dividimos os pronomes possessivos alemães em quatro grupos, de acordo com a relação estabelecida entre eles e os possessivos correspondentes em português:

- **1º Agrupamento:** para cada forma alemã, há uma, e somente uma, forma portuguesa correspondente. É o caso de *mein* (meu) e *unser* (nosso).
- **2º Agrupamento:** para cada forma alemã, há duas formas portuguesas correspondentes. É o caso de *dein* (teu/seu).
- **3º Agrupamento:** para formas alemãs diferentes, há uma mesma e única forma portuguesa. É o caso de *sein* (seu), *ihr* (seu) e *Ihr* (seu).
- **4º Agrupamento:** a forma portuguesa correspondente para a forma alemã é arcaica. É o caso de *euer* (vosso).

Em nosso *corpus*, não registramos o possessivo alemão *euer*, o único do 4º grupo. Considerando os objetivos pretendidos com este trabalho, essa ausência é bastante infeliz, pois não há, no português corrente falado e escrito do Brasil, nenhum pronome possessivo que corresponda à forma alemã *euer*, sendo geralmente utilizada, nesses contextos, a construção possessiva *de vocês*. Assim sendo, os resultados de nossa análise serão expostos em três seções, equivalentes aos três primeiros agrupamentos:

Análise dos dados

- **1º Agrupamento:** *mein* / *unser*

Quando nos textos alemães apareceram pronomes possessivos do 1º agrupamento, os estudantes operaram a retextualização através dos pronomes possessivos portugueses correspondentes, por esses manterem com os possessivos alemães uma total equivalência lingüístico-discursiva, como podemos perceber no exemplo (2):

³ A cada uma ou duas semanas, os estudantes traduziram um *bloco de texto* contendo um ou mais textos.

- (2) Sieben Mal haben Einbrecher *meine Wohnung* leergeräumt! (Bloco 4)⁴
- (2a) Assaltantes esvaziaram *meu apartamento* sete vezes! (E)⁵
- (2b) Ladrões roubam *meu apartamento* sete vezes (J)

Em relação à presença de um artigo antecedendo o pronome possessivo, apesar de esse tipo de construção não ser possível na língua alemã, alguns estudantes, muitas vezes, optaram por introduzir um artigo definido em sua tradução. A decisão de compor um sintagma em português antecedendo ao seu possessivo um artigo definido nos parece, nesse caso, apenas uma questão de estilo, não havendo nenhum condicionamento textual ou discursivo para essa efetivação, tanto no que tange aos possessivos deste agrupamento quanto os possessivos dos outros agrupamentos. As traduções do exemplo (3) mostram construções do sintagma possessivo *come sem* artigo:

- (3) Er wollte Jenny *unser Dorf* von oben zeigen. (Bloco 5)
- (3a) Ele queria mostrar a Jenny *a nossa cidade* do alto. (J)
- (3b) Ele queria mostrar a Jenny *nosso povoado* de cima. (C)

Conforme estamos percebendo, a maior parte dos exemplos desse agrupamento traz estratégias de tradução que equivalem a uma espécie de substituição de um pronome possessivo na língua alemã por um pronome possessivo na língua portuguesa; e, quando o pronome é flexionado, há uma adequação à estrutura morfossintática da língua portuguesa. Um dos casos que se afastaram desse modelo consiste na elipse do pronome possessivo, exposta no exemplo abaixo:

- (4) *Meine* größte Schwäche ist *meine* Unpünktlichkeit. (Bloco 2)
- (4a) *Minha* grande fraqueza é *minha* impontualidade. (J)
- (4b) A *minha* maior fraqueza é a *Ø* impontualidade. (R)

A elipse do pronome possessivo é recorrente também em outros agrupamentos. Neste, em especial, ela geralmente advém de repetições desnecessárias do ponto de vista do português, conforme pode ser percebido no exemplo acima. Evidentemente, optar pela tradução (4a) ou (4b) não acarreta prejuízo ao sentido do texto. Semelhante ao exemplo (3), trata-se apenas de uma decisão estilística.

Por fim, observemos uma outra característica dos sintagmas construídos com pronomes possessivos em alemão, aqui presente num exemplo com um possessivo de nosso primeiro agrupamento, mas possível de surgir também em qualquer outro agrupamento. Trata-se das retextualizações de possessivos e substantivos compostos alemães. Geralmente, quando se processa a tradução de um substantivo composto alemão em língua portuguesa, esse é desmembrado em mais de um vocábulo, o que acarreta estratégias específicas de tradução do possessivo em relação ao seu aspecto sintático. Vejamos o exemplo em alemão e, em seguida, três estratégias diferentes de retextualização em português da expressão em itálico:

- (5) Irgend etwas passiert mir immer, wenn ich in Eile bin: Ich finde *meine Autoschlüssel* nicht, meine Handtasche ist weg oder ich mache mir einen Fleck aufs Kleid. (Bloco 2)

Auto significa *carro* e *Schlüssel* significa *chave*. Todos os nossos informantes inverteram a ordem vocabular do substantivo composto, adequando-se à

⁴ Após cada fragmento de texto em alemão, pusemos o número do bloco de texto do qual o fragmento fora extraído.

⁵ A letra, após cada fragmento de texto traduzido, indica o autor da tradução.

regra de processamento morfológico para a tradução de substantivos compostos alemães para o português (Alves, 2001: 95).

Assim, traduziram *Autoschlüssel* por *chave do carro*. Divergiram apenas quanto ao pronome possessivo. Alguns informantes puseram o possessivo antes do substantivo processado em português:

- (5a) Tudo sempre acontece comigo se eu estou com pressa: Não acho *minha chave do carro*, minha bolsa perdeu-se ou eu mesmo sujo a minha roupa. (C)

Já outros puseram o possessivo no interior do sintagma preposicionado, focando o *carro*, ao invés da *chave*, como o objeto possuído:

- (5b) Sempre alguma coisa importante acontece comigo quando eu estou com pressa: eu não encontro *a chave do meu carro*, minha bolsa está longe ou eu sujo minha roupa com alguma coisa. (E)

Por fim, outros elidiram o pronome possessivo da construção:

- (5c) Qualquer coisa sempre me acontece quando eu estou apressada: eu não acho *a chave do carro*, minha bolsa de mão está ausente ou eu faço uma mancha sobre o meu vestido. (I)

Embora irrelevantes na apreensão do sentido global do texto, podemos perceber diferenças de sentido provocadas pelas escolhas sintáticas dos informantes quanto à retextualização em português do sintagma *meine Autoschlüssel*. Em (5a), a chave necessariamente é do enunciador, mas o carro não; em (5b), é o carro que necessariamente é do enunciador, mas a chave não; finalmente, em (5c), nem a chave nem o carro são necessariamente do enunciador. A rigor, há três universos textual-discursivos diferentes, mas que não prejudicam a semelhança interpretativa global do texto.

- **2º Agrupamento: *dein***

Em se tratando do pronome possessivo do segundo agrupamento, os resultados indicam que os estudantes preferem utilizar o pronome possessivo *seu* — equivalente ao pronome de tratamento *você* — ao invés do possessivo correspondente gramatical de 2ª pessoa, o pronome *teu* — equivalente ao pronome pessoal *tu*. O exemplo (6) atesta o que estamos comentando, ao mostrar duas diferentes retextualizações (a primeira mais adequada do que a segunda em termos de semelhança interpretativa com o enunciado na língua de partida) de um enunciado alemão que contém o possessivo *dein*:

- (6) *Sag mal, Brigitte, wie weckst du morgens eigentlich deinen Mann?* (Bloco 4)
- (6a) *Me diga, Brigitte! Afinal, como você acorda seu marido de manhã?* (E)
- (6b) *Diga-me Brigitte, você finalmente despertou seu marido?* (G)

Se observarmos os elementos em itálico em (6a) e (6b), perceberemos que todo o enunciado está adequado gramaticalmente ao pronome de tratamento *você*, dêitico que se refere a *Brigitte*. Entretanto, mesmo quando algum elemento se afasta dessa concordância, a escolha do pronome *seu* ainda se sustenta. É o caso dos dois exemplos seguintes, nos quais se

faz presente a forma verbal *diz*, que equivale gramaticalmente ao pronome *tu*, e não ao pronome *você*.

- (6c) *Diz aí, Brigitte, como é que você acorda seu marido todas as manhãs?* (C)
- (6d) *Me diz só, finalmente, como você acorda seu marido?* (J)

- **3º Agrupamento: *sein* / *ihr* / *Ihr***

É provável que os pronomes possessivos do 3º agrupamento *sein* e *ihr* (singular) sejam os mais problemáticos em relação à retextualização em português dos enunciados que os contêm. Isso se dá, no mínimo, por três razões. Primeiro, porque os pronomes *sein* e *ihr* (singular) carregam consigo um traço gramatical — o gênero — capaz de evitar equívocos quanto ao ente referido, diferentemente do seu correspondente em português (*seu*), comum aos gêneros masculino e feminino. Assim, enquanto o possessivo *sein* sempre se refere a um *possuidor* do gênero masculino (conforme vimos no item 2) e o possessivo *ihr*, a uma *possuidora* do gênero feminino, o possessivo *seu* não estabelece essa distinção, porque, em português, a concordância é feita com o objeto possuído.

Segundo, porque, não raro, quando traduzimos *sein* e *ihr* em português pelo pronome *seu*, corremos o risco de desviar o sentido pretendido pelo autor do texto na língua de partida, à medida que esse pronome português pode se referir tanto à terceira quanto à segunda pessoa do discurso, como vimos na seção anterior.

Por fim, a terceira razão que nos faz crer na dificuldade da tradução desses pronomes alemães para o português é o fato de o pronome *ihr* também equivaler à terceira pessoa do plural (novamente o pronome *seu* em português). Ou seja, tanto em alemão quanto em português, o mesmo possessivo pode fazer referência a *um* possuidor ou a *vários*, terreno fértil para ambigüidades não desejadas.

Vejamos, então, quais as estratégias utilizadas por nossos informantes para lidar com esses aspectos brevemente discutidos. Em linhas gerais, quando há um único referente em potencial antecedendo o pronome possessivo *sein* ou *ihr* (singular), tende-se a traduzir o enunciado para o português fazendo uso do possessivo *seu*, flexionando-o, quando necessário, de acordo com a morfologia da língua portuguesa:

- (7) Herr und Frau Hansen aus Norddeutschland sitzen vor dem Fernseher. *Der Jagdhund „Astor“* ist auch im Wohnzimmer. Plötzlich rennt *er* zur Terrassentür und bellt. Da entdecken auch *seine* Besitzer das Unglück (...). (Bloco 3)
- (7a) O Sr. Hansen e a sua esposa estão sentados em frente à televisão. *O cão de caça Astor* também está na sala de estar. De repente, *ele* corre até a porta do terraço e late. Então, *seus donos* percebem o acidente (...). (E)
- (8) Zwei Uhr nachts in Hamburg. *Petra Frank* (38) ist allein in *ihrer großen Vierzimmerwohnung*. (Bloco 3)
- (8a) É duas horas da madrugada em Hamburg. *Petra Frank* está sozinha em *seu amplo apto de 4 quartos*. (I)
- (9) Zum Festland fährt *Britta* nur alle zwei Wochen, um Lebensmittel einzukaufen. Und dann ist *sie* immer froh, wenn sie wieder in die Ruhe *ihrer Insel* zurückkommt. (Bloco 7)
- (9a) *Britta* vai ao continente apenas a cada duas semanas para comprar gêneros alimentícios. E então *Ø* está sempre feliz, quando retorna para a paz de *sua ilha*. (G)

Em nenhuma das três traduções acima há problema quanto à referência dos possessivos, mesmo deixando de se explicitar o gênero do referente através do pronome possessivo em língua portuguesa. Ou seja, não há necessidade de tal explicitação para

atualizarmos o sentido do referente. Inclusive, em alguns casos, a obviedade da referência é tamanha, a ponto de nossos informantes elidirem o pronome possessivo alemão, sem acarretar nenhum prejuízo ao sentido da retextualização. É o caso dos exemplos a seguir, nos quais a compreensão dos referentes que se relacionam anaforicamente aos referentes *janela* e *marido* se dão via inferência:

- (10) Die Polizei konnte *Rüdiger Illguth* nicht helfen; die Täter sind immer noch unbekannt. Da hat *er* in Wut und Verzweiflung die Schilder *in seine Fenster* gehängt. (Bloco 4)
- (10a) A polícia não pôde ajudar *Rüdiger Illguth*; os criminosos ainda são desconhecidos. Então, com raiva e desespero, *Rüdiger* pendurou cartazes *na Ø janela*. (C)
- (11) Langweilig ist es hier nie, *sagt Britta Johannsen (25)*. (...) *Britta ist vor zwei Jahren* aus Liebe *zu ihrem Mann* auf die Hallig Langeneß gezogen. (Bloco 7)
- (11a) *Tédio? Isso aqui não existe*, afirma *Britta Johannsen (25)*. (...) Há dois anos, por amor *ao Ø marido*, *Britta* mudou-se para o Hallig Langeneß. (E)

Em tais exemplos, os informantes efetuaram a retextualização elidindo os possessivos correspondentes de *sein*, em (10a), e *ihr*, em (11a). Entretanto, nos dois casos, também seria possível a utilização do pronome possessivo *seu*, conforme podemos perceber abaixo:

- (10b) A polícia não podia ajudar *Rüdiger Illguth*; os criminosos ainda são incógnitos. Com isso, enfurecido e desesperado, *ele* fixou os cartazes *nas suas janelas*. (N)
- (11b) *Aquí nunca é entediante*, conta *Britta Johannsen, 25 anos*. (...) *Britta*, por amor *ao seu marido*, mudou-se a dois anos para a Hallig Langeneß. (C)

Essas duas estratégias, muitas vezes, também são intercambiáveis em se tratando do pronome possessivo *ihr* no plural. O exemplo (12) mostra tal possessivo num texto em alemão e duas traduções para esse texto. Na primeira, o tradutor utiliza o pronome equivalente em português (*seu*); na segunda, o pronome possessivo é elidido:

- (12) *Britta und Honke Johannsen* kennen keine Langeweile, weil *sie* die Natur lieben. Abends sind *sie* in *ihrem Wohnzimmer* und lesen oder *sie* besuchen *ihre Nachbarn*. (Bloco 7)
- (12a) *Britta und Honke Johannsen* não sabem o que é tédio, porque *eles* amam a Natureza. À noite *eles* lêem *em sua sala* de estar ou visitam *seus vizinhos*.
- (12b) *Britta und Honke Johannsen* não conhecem o tédio porque *amam* a natureza. Todas as noites, *eles* lêem *na Ø sala* de estar ou visitam *seus vizinhos*. (E)

A possibilidade de uso dessas duas estratégias de tradução, indiscriminadamente, não se dá em todos os contextos. Em casos onde há mais de um referente em potencial para exercer o estatuto de possuidor do objeto que sucede o pronome possessivo, não se torna produtora a simples troca do possessivo alemão *sein* ou *ihr* pelo equivalente em português *seu*, na medida em que acarreta, do ponto de vista gramatical, a ambigüidade do texto traduzido. Como exemplo, vejamos a seguinte retextualização proposta por um de nossos informantes (o exemplo em alemão será mostrado mais adiante):

- (13a) Então, Petra ouviu um barulho. *A mão de um homem* passa pela janela do quarto que ela deixou parcialmente aberta por causa do tempo quente. Assustada e com medo, Petra grita alto por socorro. Isso foi sua salvação. *O homem* fugiu em sua moto. (C)

Há duas cadeias referenciais que se desenvolvem ao longo desse exemplo, sendo impossível identificarmos, apoiando-se apenas em indícios gramaticais, a qual delas pertence o sintagma *sua moto*:

- i) Petra → ela → Petra → sua salvação } sua moto (?)
 ii) A mão de um homem → O homem }

Diante desse quadro, o texto do tradutor corre o risco de se tornar ambíguo (a moto pertence a Petra ou ao próprio homem?)⁶. No texto em alemão, cabe ao pronome possessivo *sein* (*seinem Motorrad*) permitir a atualização precisa do referente:

- (13) Da hört Petra ein Geräusch. *Eine Männerhand* greift durch das Schlafzimmerfenster, das wegen des warmen Wetters leicht geöffnet ist. In Schreck und Angst schreit Petra laut um Hilfe. Das ist ihre Rettung. *Der Mann* flüchtet auf *seinem Motorrad*. (Bloco 3)

Assim, em nenhum momento, as cadeias referenciais se confundem:

- i) Petra → Petra → ihre Rettung
 ii) Eine Männerhand → Der Mann → seinem Motorrad

A estratégia tradutória mais adequada para (13), utilizada por um dos informantes, foi a omissão do pronome possessivo no trecho propício à ambigüidade. Vejamos:

- (13b) Então, Petra ouve um barulho. Uma mão de homem atravessa a janela do quarto, que está parcialmente aberta por causa do calor. Assustada e com medo, Petra grita alto por socorro. Isso é a sua salvação. *O homem fôge de moto*. (E)

Dessa forma, na medida em que se tira do texto o elemento que faz referência ao dono da moto (o possessivo *sua*), tanto se elimina a possibilidade interpretativa que postulava Petra como a dona da moto, quanto se subentende que o dono da moto é o próprio homem. Chega-se, com isso, mais próximo da semelhança interpretativa que se busca em toda atividade tradutória.

Em textos de língua portuguesa, é bastante comum superar esse tipo de ambigüidade, evitando o uso do pronome possessivo e marcando a relação de posse entre os referentes construídos no discurso através da preposição *de* seguida de um pronome pessoal (*dele, dela* etc.). Em nosso *corpus*, encontramos algumas traduções realizadas através dessa estratégia. Fato interessante consiste em tal estratégia ser empregada também nas passagens em que não haveria ambigüidade se fossem traduzidas através do pronome possessivo *seu*. O exemplo abaixo ilustra o que estamos a dizer:

- (14) Die Polizei konnte *Rüdiger Illguth* nicht helfen; die Täter sind immer noch unbekannt. Da hat *er* in Wut und Verzweiflung die Schilder *in seine Fenster* gehängt. Die Einbrecher glauben *ihm* wohl, denn sie haben *seine Wohnung* seitdem nicht mehr besucht. Ende der Geschichte? Nicht ganz. Letzte Woche wurde *sein Auto* gestohlen, das vor der Haustür geparkt war. (Bloco 4)

⁶ Não estamos esquecendo, porém, a importância do antecedente (*homem*) para que o leitor interprete de uma única forma o referente do pronome possessivo *sua*, sobretudo em se tratando de uma narrativa escrita, na qual os antecedentes *se mostram* ao leitor. Entretanto, ao submetermos esse fragmento à leitura de algumas pessoas, muitas hesitaram ao afirmar, ou mesmo não souberam dizer, a quem pertencia a moto.

- (14a) A polícia não podia ajudar *Rüdger Illguth*. Os criminosos ainda são desconhecidos. *Ele* teve tanta raiva que desesperado afixou as placas *em sua janela*. Os ladrões provavelmente entenderam pois, desde então, *o seu apto* não teve mais visitas. E o fim da história? Na semana passada, roubaram *o carro dele*, que estava estacionado na porta de casa. (I)

Isso mostra que essa estratégia acaba sendo utilizada pelos alunos de tradução indiscriminadamente, ou seja, não como *uma segunda opção* para as retextualizações de enunciados alemães que contenham pronomes possessivos (com o intuito de evitar ambigüidade), mas sim como *mais uma opção* disponível na estrutura gramatical da língua portuguesa a fim de marcar relações de posse. Notemos que o autor da tradução (14b) não se valeu da mesma estrutura de (14a) (*o carro dele*) e, mesmo assim, não deu margens a nenhuma interpretação ambígua:

- (14b) A polícia não pôde ajudar *Rüdiger Illguth*; os criminosos ainda são desconhecidos. Numa mistura de raiva e desespero, *ele* pendurou os cartazes nas janelas. Pelo visto os ladrões acreditaram neles, pois *seu apartamento* não foi mais *visitado*. Fim da história? Ainda não. Pois semana passada *seu carro* foi roubado, ele estava estacionado na frente do prédio. (J)

Na verdade, a opção de se traduzir o possessivo alemão por *dele* vai ao encontro do caráter histórico de analitismo da língua portuguesa. Essa construção, atualmente, parece ser a preferida dos usuários da língua. O uso de *seu*, em (14b), possivelmente, indicaria uma tradução muito presa ao dicionário, já que se trata de estudantes da língua alemã, e não de tradutores profissionais. Ou seja, se há na frase um pronome em alemão, deveria haver também um correspondente em português.

Quanto ao pronome *Ihr*, alguns aspectos interessantes podem ser levantados, sobretudo em relação ao grau de formalidade que tal pronome porta. De início, observemos o exemplo (15), parte de um item de uma *lista de conselhos*, uma espécie de dicas de auto-ajuda que costumam vir arroladas em revistas de informação e comportamento:

- (15) *Verwöhnen Sie Ihren Körper. Der wichtigste Mensch in Ihrem Leben sind Sie selbst! Zeigen Sie Ihrem Körper, dass Sie ihn mögen (...)* (Bloco 1)

Na verdade, não só esse item, mas todo o texto é construído a partir de enunciados constituídos por elementos lingüísticos que carregam consigo uma relação formal entre os interlocutores (o autor do texto e seus possíveis leitores). Não só as formas flexionadas do pronome possessivo *Ihr* (*Ihren/Ihrem Körper, Ihren Leben*), como também o pronome pessoal *Sie* e as conjugações verbais *sind* e *zeigen*, determinam essa formalidade. Mais do que um estilo formal de escrita, tal estilo é próprio desse gênero na língua alemã, na medida em que essas formas composicionais recorrem em textos como esse.

Isso posto, vejamos uma tradução de (15) que reflete a tendência geral de nossos informantes em traduções de textos que contêm *Ihr*:

- (15a) Mime *seu* corpo. A pessoa mais importante na *sua* vida é *você* mesmo! Mostre ao *seu* corpo que *você* gosta dele (...). (C)

O texto (15) foi traduzido para o português em um estilo bem informal. O interlocutor passou a ser tratado por *você*, ao invés de *o Senhor* (forma pronominal equivalente a *Sie*). Ocorreu, de fato, uma retextualização, pois não só houve uma *mudança de código*, mas uma

mudança de universo textual-discursivo. Para se adequar ao estilo recorrente desse gênero textual em língua portuguesa, o informante operou uma mudança nas formas lingüísticas que determinam o grau de formalidade da relação pessoal entre os interlocutores.

Em outros casos, ao contrário, a formalidade expressa no texto de partida foi preservada no texto traduzido. Apesar de não haver pronomes possessivos marcando essa formalidade, é bom mostrarmos aqui um exemplo desse tipo a fim de salientarmos a natureza do processo de tradução, na medida em que compararmos esse exemplo com o anterior. Tal manutenção do grau de formalidade ocorreu, sobretudo, nas retextualizações de piadas em forma de diálogos, como podemos perceber no exemplo a seguir, o qual mostra uma piada alemã na íntegra:

- (16) *Wie geht es Ihnen, Frau Meier? Gar nicht gut. Letzte Woche ist mein Goldfisch gestorben und jetzt ist es so still im Haus.* (Bloco 4)
- (16a) *Como vai a senhora, Dona Méier? Não estou indo muito bem. Semana passada, meu peixinho dourado morreu, e agora minha casa está tão silenciosa...* (E)

É semelhante a relação interpessoal estabelecida entre pessoas não íntimas tanto na língua alemã, quanto na língua portuguesa. O leitor-tradutor da piada na língua alemã, provavelmente, elaborou cognitivamente uma espécie de *modelo contextual* para a interpretação da piada (por exemplo: duas conhecidas, pelo menos uma delas não tão jovem, com pouca intimidade entre si, se encontram casualmente na rua). Ao traduzir a piada para a língua portuguesa, transplantou esse mesmo modelo contextual para o universo cultural da língua de chegada. No exemplo acima, em relação ao grau de formalidade entre os interlocutores, ele optou pela equivalência dos elementos marcadores de formalidade (*Ihnen* → *a senhora*; *Frau* → *Dona*).

Os exemplos (14) e (15) nos fornecem mais um indício de que uma tradução é produzida levando em conta não só os elementos lingüísticos do texto fonte, como também as suas condições de produção (os interlocutores, a função social, o gênero, o registro etc.). Em outros termos, *traduzir é retextualizar*.

Conclusões

Dentre outras questões relativas ao fenômeno da tradução, este trabalho mostrou a importância de considerarmos, em toda atividade tradutória, não só os aspectos gramaticais do texto de partida, mas também e sobretudo seus aspectos discursivos. Ao analisarmos as estratégias lingüístico-discursivas utilizadas na tradução de textos alemães contendo pronomes possessivos, percebemos que são justamente os aspectos discursivos dos textos de partida que permitem o tradutor retextualizar adequadamente, em língua portuguesa, os sentidos expressos pelos possessivos alemães.

Importante frisarmos que os tradutores aqui analisados, ainda que inexperientes, buscaram atender os princípios da tradução quanto retextualização. Em geral, suas traduções consideraram tanto as diferenças estritamente lingüísticas entre o alemão e o português, quanto as diferenças entre os universos textual-discursivos dessas duas línguas.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Fábio. *Relevância em contextos culturalmente marcados: a semelhança interpretativa em pauta*. In: ALVES, Fábio (Org.). *Teoria da relevância & tradução: conceituações e aplicações*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001, pp. 87-108.

- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- TRAVAGLIA, Neuza Gonçalves. *Tradução retextualização: a tradução numa perspectiva textual*. Uberlândia: EDUFU, 2003.